



CORPO DE DELITO

Aula de anatomia

Há já alguns anos que não conseguia dizer a si próprio e aos alunos qual era o órgão mais importante, limitava-se a perguntar



Rui Patrício

No final de cada ano lectivo, o professor de Anatomia fazia sempre a mesma pergunta. Depois de um ano inteiro a retalhar corpos, a estudá-los do avesso e do direito, a memorizar os nomes de ossos e músculos e a mirar e remirar órgãos, a última aula era dedicada a discutir qual era o órgão mais importante do corpo humano. Era essa a pergunta que o professor lançava aos alunos e era essa a questão que o perseguia toda a vida. E nem sempre ele dera a mesma resposta. Quando jovem professor, ávido de futuro, inspirando e expirando projectos e promessas, pensara que o pódio pertencia aos pulmões. Outras vezes, ainda homem jovem, algumas leituras de Freud e o vigor do sangue levaram-no a pensar e a arriscar dizer que a importância maior estava

nos genitais. Mas não durou muito essa opinião, e a meia-idade levou-o a considerar mais outros dois órgãos, entre os quais oscilavam os seus favores. Quando a vida lhe trouxera desalentos para digerir e sapos para engolir, dissera que o órgão mais importante era o estômago. Noutras anos, marcados pelos efeitos do passar do tempo e pelo isolamento no seu casulo de cicatrizes e defesas, dissera que a pele é que o era. Agora, ele era um velho professor e a aula era a última da sua vida, pois jubilava-se. Há já alguns anos que não conseguia dizer a si próprio e aos alunos qual era o órgão mais importante; limitava-se a perguntar e a orientar a discussão, sem se comprometer na resposta, e até começava a temer que a pergunta que tanto o ocupara não fizesse sentido. Mas tradições são tradições e o homem é um animal de hábitos, de rotinas e de terrenos conhecidos. Lançou, mais uma vez, a pergunta e orientou e assistiu à discussão. Esta, como costumava acontecer, colocou praticamente em empatie o coração e o cérebro. Os alunos comparavam a importância de neurónios e sinapses com a importância de sistoles e diástoles. Uns engrandeciam a

importância do sistema nervoso, comandado pelo cérebro, outros a vitalidade do sangue a circular, controlado pelo coração. Uns – desconfiava o professor – elegiam o coração tomados por amores; outros o cérebro, para se defenderem deles. Mas ele era incapaz de os ajudar, de lhes dar uma resposta. Ao contrário do que pensara durante tanto tempo, a anatomia não sabia responder, nem a fisiologia ou a biologia. Numa derradeira provocação, contou aos alunos a história da doente que tinha problemas cardíacos e que, depois de entrar em coma, deixou de os ter. Meio a sério, meio a brincar, disse aos alunos que aquele caso mostrava que ter a cabeça a funcionar podia fazer mal ao coração, e perguntou-lhes porquê. Ninguém arriscou uma resposta e o silêncio tomou conta da sala. Os alunos temeram a ira do professor. Mas ele fez um ar satisfeito, embora resignado, e disse-lhes, no que foi a sua última lição: ainda bem que nada responderam, porque estas não são questões para a anatomia, mas sim para a filosofia e para a poesia. E saiu, sem ter a coragem de acrescentar àquelas duas a magia.

Advogado. Escreve ao sábado

